

DESIGNS DE CULTURAS: ENTRE LINGUAGENS, MENTALIDADES E LETRAMENTOS

Miriam Martinez GUERRA

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo: No presente estudo objetiva-se evidenciar algumas maneiras pelas quais diferentes usos de linguagens têm provocado transformações culturais e mudanças de mentalidade em grupos sociais envolvidos em distintas práticas de letramento. Para tal, propomos revisitar certos caminhos pelos quais o desenvolvimento e transformações das noções de cultura têm passado, o que pode significar refletir sobre “experiências” humanas e mudanças de mentalidades mobilizadas, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico diretamente ligado aos usos de linguagens. Como fundamentação teórico-metodológica, este trabalho foi desenvolvido a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem e da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais e dos Estudos de Letramento, no viés da Linguística Aplicada. Nota-se que as transformações culturais se dão por meio de processos de estratificação, não de apagamento da cultura anterior. Essas transformações estão ligadas à presença de novas tecnologias, novas práticas de linguagem em meio a diferentes ambientes semânticos e cognitivos que permitem a construção de novas consciências, discursos e mentalidades.

Palavras-Chave: Cultura. Escrita; Letramento; Discurso.

CULTURE DESIGNS: BETWEEN LANGUAGES, MENTALITIES AND LITERACIES

Abstract: *The present study aims to highlight some ways in which different uses of languages have provoked cultural transformations and changes in mentality in social groups involved in different literacy practices. To this end, we propose to revisit certain paths through which the development and transformation of notions of culture have passed, which may mean reflectin on human “experiences” and changes in mentalities mobilized, mainly, by technological development directly linked to the uses of languages. As a theoretical-methodological foundation, this work was developed from the Bakhtinian perspective of language and from the theoretical-methodological perspective of Cultural Studies and Literacy Studies, in the Applied Linguistics vies. It is noted that cultural transformations take place through processes of stratification, not the erasure of the previous culture. These transformations are linked to the presence of new technologies, new language practices in the midst of different semantic and cognitive environment that allow the construction of new consciences, discourses and mentalities.*

Keywords: *Culture;. Discourse; Literacy; Writing.*

DISEÑOS CULTURALES: ENTRE LENGUAS, MENTALIDADES Y LETRAMIENTO

Resumen: *El presente estudio tiene como objetivo resaltar algunas formas en que los diferentes usos de las lenguas há provocado transformaciones culturales y cambios de mentalidad em grupos sociales involucrados em diferentes prácticas de literacia. Para ello, proponemos visitar ciertos caminos por los que há pasado el desarrollo y la transformación de las nociones de cultura, lo que puede significar reflexionar sobre la “experiencias” humanas y los cambios de mentalidades movilizados, principalmente, por el desarrollo tecnológico directamente ligado a los usos de los lenguajes. Como fundamento teórico-metodológico, este trabajo se desarrolló tecnológico directamente ligado a los usos de los lenguajes. Como fundamento teórico-metodológico, este trabajo se desarrolló desde la perspectiva bakhtiniana del lenguaje y desde la perspectiva teórico-metodológica de los Estudios Culturales y los Estudios de Literacia, em el sesgo de la Lingüística Aplicada. Se advierte que las transformaciones culturales tienen lugar a través de procesos de estratificación, no de vorrado de la cultura anterior. Estas transformaciones están ligadas a la presencia de nuevas tecnologías, nuevas prácticas de lenguaje em medio de diferentes entornos semánticos y cognitivos que permiten la construcción de nuevas conciencias, discursos y mentalidades.*

Palabras-clave: *Culture; Discurso; Letramiento; Escritura.*

1. INTRODUÇÃO

A língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um (Ginzburg, 2006, p. 20).

Neste texto, propomos visitar certos caminhos pelos quais o **desenvolvimento** e transformações das noções de cultura têm passado¹, com base em acontecimentos da Idade Média, na Ciência Moderna, na Pós-modernidade e presença de novas tecnologias nas sociedades. Poderemos ter a ideia de que esse ato pode significar visitar experiências humanas e mudanças de mentalidades mobilizadas, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico diretamente ligado aos usos de linguagens.

A partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem e da perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais e a dos Estudos de Letramento, no viés da Linguística Aplicada, há o entendimento de que a linguagem (e as relações de poder

¹ O presente artigo é fruto de um trabalho final da disciplina “Estudos culturais, línguas e diversidade”, ministrada pela professora Dra Daniela Palma, durante o período de doutoramento em Linguística Aplicada, no Instituto de Linguagens da Unicamp – IEL.

nela imbricadas) interage diretamente na (re)invenção de: axiomas, práticas de letramento² (Kleiman, 1995; Street, 1993) e de sistemas culturais (mais ou menos ligados à cultura oral ou escrita) nos quais o indivíduo pode ter inúmeras possibilidades de uso da língua, tal qual expõe o historiador Carlo Ginzburg, na epígrafe acima.

Neste trabalho, primeiramente trataremos da interação humana na formação de cultura e linguagem. Em seguida, trataremos concepções de cultura e mudanças de mentalidades através de um breve percurso histórico e, por último, evidenciaremos alguns *designs* de culturas frente aos diversos usos das linguagens, a seguir.

2. INTERAÇÃO HUMANA NA FORMAÇÃO DE CULTURA E LINGUAGEM

O mundo ocidental estruturou seus saberes e suas técnicas a partir da linguagem e do entendimento de que o ser humano é aquele que “sabe” e que pode “falar” ou “silenciar” (Agamben, 2008). A estrutura da linguagem humana baseada na dupla articulação entre língua e discurso possibilita a comunicação de pensamentos, ao mesmo tempo em que posiciona o falante num determinado “lugar”, de acordo com o espaço que ocupa em seu meio social (Gnerre, 1991).

Esses “lugares de fala” podem ser vistos como “jaulas flexíveis” e “invisíveis”, conforme afirma Ginzburg (2006), que permitem ao indivíduo exercitar sua “liberdade condicionada”, uma vez que falar pressupõe discursos externos entranhados em domínios ideológicos que posicionam o indivíduo em espaços discursivos situados. O domínio ideológico corresponde ao domínio dos signos, conforme Bakhtin/Volochinov (1988),

ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo da criatividade ideológica tem sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (Bakhtin/Volochinov, 1988, p. 32-33).

² Por “prática de letramento” compreendem-se as maneiras culturais vinculadas a eventos de letramento onde um texto escrito é mobilizado por uma pessoa ou grupo. Elas são práticas discursivas imbricadas em relações de poder e incorporadas em práticas culturais, que mudam com o decorrer do tempo (Kleiman, 1995; Street, 1993).

Os signos são representados em todas as esferas das práticas cotidianas, propiciando a ocorrência do inesgotável processo dialógico. Nessa circulação de vozes aparecem as relações de poder, o embate entre forças centrípetas (que visam impor seus axiomas, controlar os discursos e monologizar ou, até mesmo, finalizar o diálogo) e as forças centrífugas representadas por um mundo polifônico, onde há multiplicidade de “vozes” e “consciências” (mentalidades) sociais que, para Faraco (2009), visam efetivar o direito à cidadania.

A concepção do que é ser cidadão pode significar ter direitos perante a lei, poder se expressar em público e interagir em meio a pluralidade de vozes sociais. Nessas interações sociais, nas quais a linguagem toma parte, se dá a luta de classes, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin/Volochinov, 1988, p. 23). As relações entre as forças - centrífugas e centrípetas - buscam formas de “orquestrar” as vozes sociais, estas, refratam a complexidade das práticas de letramentos construídas nos espaços sociais de produção e circulação de discursos (educacionais, políticos, econômicos e etc.) (Prinsloo; Breier, 2013).

É na dinamicidade das interações discursivas que o universo da cultura se movimenta, como se fosse um grande diálogo, embora nem sempre simétrico e harmonioso. Conforme Bakhtin (1992),

um enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera. (Bakhtin, 1992, p. 316).

Para o círculo bakhtiniano, um domínio cultural é uma esfera de criação ideológica que não deve nunca ser pensado como um todo espacial, mas sim uma intersecção de múltiplas fronteiras. Essas fronteiras são marcadas pelo plurilinguismo dialogado, situação na qual as vozes sociais se entrecruzam continuamente e de diferentes maneiras, provocando a formação de outras novas vozes, outras novas mentalidades e transformações culturais. Daí a relevância de pensarmos a ideia de cultura e os modos pelos quais as eras culturais têm contribuído para transformações das mentalidades humanas.

3. A IDEIA DE CULTURA E TRANSFORMAÇÕES DE MENTALIDADE

O termo “cultura” é bastante complexo. Está arraigado a sistemas de sinais linguísticos e filiações discursivas – política, econômica, religiosa. (Santaella, 2003). O “todo” cultural pode ser concebido como um conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos de um grupo (Ginzburg, 2006). A cultura, enquanto agência, pode ser uma estratégia de sobrevivência de discursos e de traduções simbólicas que representam experiências culturais (Bhabha, 2008). As culturas são sistemas instáveis, onde os signos se multiplicam e se reorganizam em novos outros sistemas de significação.

Ainda sobre “cultura”, devemos considerar o perigo implícito nessa palavra, assim como na palavra comunidade, uma vez que há uma tendência a atrelarmos tais palavras à ideia de homogeneidade. Para Burke (2010), a homogeneidade parece implicar ideia de “fronteira” e de um “consenso” que não são encontrados em pesquisas de campo com viés histórico, sociológico ou antropológico. Todo grupo cultural apresenta variedades e, estas, segundo o autor supracitado, contribuem para criar solidariedade entre os membros do grupo, portanto, há que se considerar a heterogeneidade presente nos grupos e que estes grupos passam por situações de conflitos linguísticos, culturais ou sociais.

A cada nova cultura que “nasce”, em decorrência das reformulações e mudanças de mentalidade, intensificam-se as interações sociais por meio do advento de uma nova tecnologia, um novo suporte que traz consigo novas linguagens corporificadas por novos signos. Os signos criados em meio a uma cultura geram mensagens e processos de comunicação, transformando ou moldando o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, assim, propiciam o surgimento de novos ambientes socioculturais. Esses novos ambientes podem ser compreendidos como roupagens da cultura; organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes (Santaella, 2003).

A introdução histórica de novos meios de produção, armazenamento, transmissão e recepção de signos na sociedade pode ser compreendido a partir de seis eras culturais: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital (Santaella, 2003; 2007). Gradativamente, a cada era cultural a mentalidade do ser humano vem sendo transformada, em meio a complexidade em que suas práticas cotidianas são historicamente situadas.

As sociedades de tradição oral apresentam sistemas de medida do espaço e do tempo: em luas, estações de secas, ritos e cerimônias (Calvet, 2011). Espaço-tempo marcado por práticas cotidianas, como mostra Mikhail Bakhtin, ao analisar a cultura popular da Idade Média traduzida da oralidade por François Rabelais, em relação ao tempo: “em Pantagruel, o capítulo do nascimento do herói descreve o espantoso calor, a seca e a sede geral que ele provoca [...]” (Bakhtin, 1987, p. 387) e em relação ao espaço:

Nas proximidades da Devinière, na margem esquerda do Négron, existe ainda hoje o ‘prado’ da Saulsaye, que serviu de quadro aos ‘diálogos dos bem embriagados’ e na qual nasceu Gargantua, no dia 4 de fevereiro, durante a festa carnavalesca do abate do gado” (Bakhtin, 1987, p. 390).

As cenas cotidianas descritas por Rabelais aproximam-se bastante da vivência do povo e este vivenciar, ligado ao fazer prático, mobiliza um modo de saber e narrar a vida. O sujeito da experiência é o do senso comum (Agamben, 2008), inscrito na cultura predominantemente oral. Essas características trazem um sentido próprio para o termo “experiência”. Remete-nos à incerteza, à falta de precisão no cálculo das coisas da vida e ao apagamento da figura da (autor)idade, já que o senso comum nasce na prática coletiva comum a determinado grupo de pessoas.

O texto de tradição oral está imerso em ideologia que lhe confere a maioria de suas características e esta maioria se relaciona diretamente ao momento histórico (CALVET, 2011). Na cultura oral, o ser humano é o “sujeito da experiência” vivenciada em seu mundo tecnologicamente pouco desenvolvido e é dependente da “memória” como forma de registro de situações e acontecimentos; a palavra verbalizada é sua principal ferramenta na construção de discursos.

Na Idade Média, a acentuada estratificação social definia as condições de vida para a realeza, o clero e o povo. A facilidade de acesso a bens tecnológicos, como a escrita, dependia diretamente dessa divisão social, assim, os “letrados” eram pessoas de posses e a maioria da população era formada por pessoas analfabetas, consideradas “iletradas”. Menocchio, personagem de “Os queijos e os vermes” (Ginzburg, 2006), embora tivesse algum acesso à cultura escrita, representa a imagem do povo; era moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro, dentre outras funções sociais.

Sua vida transcorrerá quase exclusivamente entre os muros da aldeia de Montereale. Não sabia grego nem latim (no máximo alguns fragmentos de orações); lera poucos livros, em geral por acaso (Ginzburg, 2006, p. 87).

Menocchio foi um homem do povo e, de certa maneira, representa a mentalidade do povo de sua época, ao voltar-se mais para os afazeres práticos cotidianos, para a experiência vivida. As metáforas construídas por ele, em sua cosmogonia, embora também tenham tido influência de textos literários lidos por ele, foram produzidas a partir de elementos de seu cotidiano e de seu conhecimento prático, para explicar a origem do mundo:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos [...] e de todo aquele volume em movimento se formou em massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os outros, anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, *ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento* [...] (Ginzburg, 2006, p. 97).

Enquanto homem do povo, Menocchio estava menos marcado pela alta cultura, pelo saber “letrado”/científico, vinculado ao conhecimento de códigos linguísticos escritos legitimados (como o Grego e o Latim) que circulavam em contextos de uma classe social da qual Menocchio não tomava parte. Porém, eram as práticas culturais populares que se constituíram a base para a produção literária canônica - textos escritos representantes do discurso dominante aristocrático, ligados aos interesses do clero e das monarquias (Le Goff, 1987).

Por exemplo, François Rabelais, intelectual do final da Idade Média, utilizou em suas obras – Pantagruel, em 1534, e Gargantua, em 1532 - o léxico advindo da linguagem oral do povo. A nomenclatura de peixes do Mediterrâneo veio para a cultura livresca por intermédio de sua vivência naquele contexto e sua produção literária. “Foram os pescadores marseheses que lhe ensinaram por sua vez os nomes dos peixes do Mediterrâneo” (Bakhtin, 1987, p. 403), o que mostra indícios de interligação, de movimentação discursiva entre a cultura considerada canônica e a popular.

A circularidade cultural entre o que é canônico e o que é popular foi analisada por Bakhtin (1987), a partir do contexto da cultura popular registrada por François Rabelais. Essa análise deixa claro que a cultura do povo é tida como discurso de oposição às ideias hegemônicas. Tal discurso é evidenciado por meio de práticas culturais (festas, ritos) do povo, como o advento do carnaval, analisado pelo autor supracitado.

O carnaval é uma paródia, uma segunda vida, o segundo mundo da cultura popular, um mundo ao revés (Bakhtin, 1987). O carnaval representa a liberdade de expressão popular, momento em que o discurso monológico desaparece em meio a

pluralidade de discursos. Momento em que todos são iguais e têm direito a voz no espaço público.

Esse jogo de vozes entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante é mediado por relações de força dinamizadora do diálogo, o que leva Ginzburg (2006) a questionar

até que ponto os eventuais elementos da cultura hegemônica, encontráveis na cultura popular, são frutos de uma aculturação mais ou menos deliberada ou de uma convergência mais ou menos espontânea e não, ao contrário, de uma inconsciente deformação da fonte, obviamente tendendo a conduzir o desconhecido ao conhecido, ao familiar? (Ginzburg, 2006, p. 18).

A alta cultura, imbuída no modelo ideológico hegemônico, influenciava diretamente a cultura popular, ao mesmo tempo em que era influenciada por ela. Embora os interesses do clero e da monarquia fossem o de estabelecer uma relação discursiva monológica (forças centrípetas), a figura do intelectual contribuiu para a mobilização das forças centrífugas, para a circulação de vozes sociais advindas da cultura popular, propiciando espaço onde as vozes fossem equipolentes, ou seja, onde as diferenças políticas implícitas nas vozes fossem amenizadas.

Vale ressaltar que, na visão bakhtiniana, a circulação de vozes numa formação social sempre está submetida ao poder; “não há neutralidade no jogo das vozes” (Fiorin, 2016, p. 31). As forças centrípetas da vida social podem ser visualizadas por meio dos usos da língua(gem) na poética cartesiana, no universalismo gramatical abstrato, como mostra Bakhtin (2002), e em todos os discursos autoritários/totalitários (proferidos por seitas, mitos nacionais, dizeres xenofóbicos, fundamentalistas etc.) que não aceitam a pluralidade dos enunciados, das vozes dos que estão à margem, dos excluídos dos espaços de poder, dos que estão fora do “centro” (portanto, distantes da força centrípeta). Nesse sentido, a figura do intelectual pode representar uma consciência menos rígida, mais aberta e voltada ao diálogo entre mentalidades contraditórias, tal qual o pensamento galileano (Fiorin, 2016).

As fronteiras (marcadas pelas forças centrípetas e centrífugas) entre os grupos sociais não deixaram de existir, há fronteiras: sociais, econômicas, tecnológica, geográfica que distanciam o que se entendem como cultura popular e como alta cultura. A centralidade dos discursos monológicos da alta cultura não apaga a existência das outras vozes menos prestigiadas socialmente. A cultura do povo é permeada por práticas cotidianas que envolvem o plurilinguismo nos enunciados concretos produzidos num tempo e espaço social, dentre grupos profissionais, geracionais, familiares etc.,

revelando uma pluralidade de consciências/mentalidades que envolve as vidas dos falantes.

Os ritos e as festas continuam sendo expressão da cultura popular. Essas práticas culturais oralizadas representam a tradição construída em um espaço geográfico situado, por meio de signos corporificados – instrumento musical, ritmo, canto, dança, gesto, adorno corporal, vestuário e culinária. Para exemplificar, a Suça, no Tocantins, região norte do Brasil, é uma dança criada por migrantes afrodescendentes (que foram ao Tocantins para trabalhar em minas de ouro) e é denominada pelos participantes como uma “folia”, um carnaval, que mostra a cultura de um povo marcado pela tradição oral. Essa dança é realizada no momento da festa, da folia carnavalizada, e traz elementos como rei, rainha e imagens de santos, fortemente ligado aos hábitos e crenças dos participantes.

A festa, enquanto espaço praticado, põe diversas vozes em movimento, o que significa dizer que pessoas pouco escolarizadas ou não escolarizadas, muitas vezes consideradas “iletradas”, têm direito a voz no espaço público em que ocorre a festa, quase que numa busca inconsciente por diluir a relação de poder entre a sociedade letrada, vinculada aos conhecimentos escolarizados e cientificamente comprovados, e o saber popular. A festa popular é um momento de dizer “o mundo” daquele grupo de pessoas, uma forma de inscrição na história, uma maneira de evidenciar os saberes populares e desmistificar a concepção de “iletrado”. Afinal, conforme Fiori (1987),

nem a cultura iletrada é a negação do homem, nem a cultura letrada chegou a ser sua plenitude. Não há homem absolutamente inculto: o homem “hominiza-se” expressando, dizendo seu mundo. Aí começam a história e a cultura (Fiori, 1987, p. 20).

A cultura popular depende das práticas culturais, do rito e da festa, para manter viva a tradição, “senão é a mesma coisa de passar água na peneira”, diz participante da Suça (MINISTÉRIO DA CULTURA; FUNDAÇÃO CULTURAL DO TOCANTINS, 2012). Nesse contexto, os mais velhos são colocados na posição de quem ensina as práticas culturais, inclusive em espaços “letrados” como o escolar. As falas abaixo denotam a força que a tradição tem nas vidas das pessoas que tomam parte no grupo de suceiros, em Tocantins:

Fala 1: Ser “suceiro vem do sangue da gente. Está enraizado na vida da gente. A gente nunca vai deixar perder” [...]

Fala 2: “O som do tambor faz a gente ter saudades do que a gente não sabe o que é” (Ministério da Cultura; Fundação Cultural do Tocantins, 2012).

Nas falas expostas acima, nota-se que a experiência de vida tem grande importância para a manutenção da cultura de tradição oral. As falas dos integrantes do grupo tocantinense de suzeiros revelam sentimentos criados na concretude da vida – do sangue da gente, do enraizamento da Suça na vida da gente, do som do tambor, da saudade do que não se sabe o que é – palavras que remetem às experiências vividas por eles, mas que são intransponíveis por meio da escrita.

No entanto, há longo prazo, a forma de registro escrito é o que aproxima gerações futuras das culturas orais temporalmente distantes. Nesse sentido, a imagem do intelectual é relevante na transmutação da cultura oral para a escrita. O intelectual pode ser o porta-voz de um grupo (minoritário), ainda que a limitação do olhar seja quase condição para o registro escrito. As obras de François Rabelais, por exemplo, são recortes de um contexto da cultura oral da Idade Média registradas/recriadas em obras literárias.

Vale ressaltar que o nascimento do intelectual, a partir da figura dos goliardos, no século XII, se deu em meio ao desenvolvimento social e econômico ocorrido com o surgimento dos burgos e dos ofícios. Segundo Le Goff (2003),

foi com o desenvolvimento urbano ligado às funções comercial e industrial – digamos modestamente artesanal – que ele apareceu, como um desses homens de ofício que se instalavam nas cidades nas quais se impôs a divisão do trabalho (Le Goff, 2003, p. 29).

O contexto dos burgos (ou urbanos) impõe demandas para o trabalho, para o avanço tecnológico e é o lugar onde a invenção de Gutemberg contribui para significativa mudança na mentalidade do ser humano e em suas práticas culturais. Com a circulação de textos impressos, a modalidade da língua escrita passou a ter maior circulação na sociedade; contexto grafocêntrico onde o ser humano se viu (e se vê) em meio à crise ideológica e à luta de classes, envolvendo conflito entre a cultura de tradição oral e a alta cultura vinculada à modalidade escrita da variante culta da língua.

No momento histórico medieval de nascimento dos burgos e de aumento da circulação de escritos impressos, Menocchio representa o homem em crise ideológica (em fase de mudança de mentalidade). Ele buscava, no texto escrito, respostas para suas inquietações relacionadas ao discurso religioso e político da época. A cada livro que tinha acesso “mastigara, triturara cada palavra. Ele os ruminava durante anos; durante anos palavras e frases fermentaram em sua cabeça” (Ginzburg, 2006, p. 87).

Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias

fulminantes. Toda vez que confrontamos textos com suas reações a eles, fomos levados a postular que Menocchio possuía uma chave de leitura oculta que as possíveis relações com um ou outro grupo de heréticos não são suficientes para explicar. Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido (Ginzburg, 2006, p. 87).

Tais escritos, lidos por Menocchio, traziam à tona novos discursos (como as ideias humanistas), diferentes do discurso religioso e político comuns às pessoas de sua época. O contexto de crise teve como pano de fundo drásticas mudanças sociais, políticas e econômicas temporalmente situadas na transição da Idade Média para o Renascimento. A mentalidade do homem moderno estava em construção (fermentando), em meio às posições ideológicas entre o discurso religioso, filosófico e, posteriormente, científico.

A transmutação da cultura de tradição oral para a cultura escrita provocou crise da experiência. A experiência do indivíduo com a língua escrita, por meio da leitura, por exemplo, pode ser transformadora, dado que o ato de ler textos escritos coloca o leitor em contato com discursos distanciados de sua vida; assim, a experiência da leitura põe em xeque axiomas vinculados às formações discursivas advindas da vida prática cotidiana de quem experimenta a leitura. Por isso, ao ler determinados livros, Menocchio se via em conflito com suas próprias crenças:

suas afirmações mais desconcertantes nasciam do contato com textos inócuos, como “As viagens”, de Mandeville, ou a História del Giudicio. Não o livro em si, mas o encontro da página escrita com a cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva (Ginzburg, 2006, p. 95).

O encontro entre grupos vinculados à cultura oral e páginas escritas foi facilitado pelo advento da imprensa, o que possibilitou maior circulação social do objeto livro, no entanto, a “mistura explosiva” está ligada aos efeitos implícitos causados pelo ato de ler, a experiência do leitor com o texto escrito. A linguagem escrita (o semiótico e o semântico) foi o motor propulsor de uma nova mentalidade tanto em relação à laicização na esfera do pensamento humano quanto à modificação da noção de experiência.

Com o nascimento da Ciência Moderna, a partir de Descartes (1596-1650), inicia-se uma visão pragmática e racionalista. Nesse contexto, a experiência passou a ser concebida como conhecimento, já não havia separação entre o lugar do sujeito da experiência e o sujeito do conhecimento. Assim, o sujeito/autor foi apagado e

expropriado da experiência que se apresenta fazendo valer aquilo que, do ponto de vista da Ciência, não se pode manifestar senão como a mais radical negação da experiência: uma experiência sem sujeito nem objeto, absoluta. (Agamben, 2006, p. 26).

A crise da experiência é onde a poesia moderna, a partir de Charles Baudelaire, não se funda em uma nova experiência, mas em uma ausência de experiência sem precedentes. Por outro lado, a Ciência Moderna faz da experiência o lugar – o método, isto é, o caminho – do conhecimento formal. Para isso, há uma refundição da experiência e uma reforma da inteligência, desapropriando a experiência de seus sujeitos e colocando em seu lugar um único novo sujeito, sua consciência em um ponto arquimediano abstrato: o *ego cogito* cartesiano (Agamben, 2006).

A visão objetivista está afinada com as forças centrípetas, que intenta estabelecer uma relação monológica. A ideia de linguagem única é uma expressão dos processos históricos da unificação linguística, representa as forças centrípetas da vida da linguagem. “A língua única não é dada, mas, em essência, estabelecida em cada momento da sua vida, ela se opõe ao discurso diversificado” (Bakhtin, 2002, p. 81). A poética de Aristóteles, de Agostinho, a eclesiástica medieval da “única língua da verdade”, a poética cartesiana do neoclassicismo, o universalismo gramatical abstrato de Leibniz, o ideologismo concreto de Humboldt são citados por Bakhtin (2002) como representações da expressão de forças centrípetas da vida social, linguística e ideológica. Por outro lado, o autor traz a ideia de que as forças centrípetas da vida linguística atuam no plurilinguismo real, por meio dos dialetos linguísticos, das palavras faladas por um grupo social, geracional, profissional etc., o que denota processo histórico dinâmico que envolve forças/poder na língua em uso, nas culturas.

Observa-se que a relação entre forças centrípetas e centrífugas persiste nas mentalidades atuais, e convivem com as contradições do presente, o que mostra a não neutralidade no jogo das vozes sociais – “quanto mais a consciência for formada de vozes de autoridade, mais ela será monológica, ptolomaica. Quando mais constituída de vozes internamente persuasivas, mais será dialógica, galileana” (Fiorin, 2016, p. 56).

3 DESIGNS DE CULTURAS E USOS DAS LINGUAGENS

O pensamento cientificamente estruturado contribuiu para o rápido avanço das técnicas e foi altamente relevante na naturalização das práxis cotidianas, principalmente, nos centros urbanos; nos lares, no local de trabalho e na educação

escolarizada. Assim, as práticas de letramento (concebidas como práticas discursivas) também foram transformadas.

Na sociedade industrial do século XX, a democratização da informação vinculada a textos escritos atingiu a classe operária e a cultura popular. Esse acontecimento foi imprescindível para a difusão da informação via tecnologia midiática (correio, telefone, telégrafo) e os meios de comunicação de massa (imprensa, rádio, cinema e TV) (Bosi, 1977).

Os meios de comunicação de massa desempenharam diferentes funções sociais voltadas ao enunciatário: entretenimento, percepção do meio social e transmissão de cultura (Wright, 1964 apud Bosi, 1977). A cultura de massa é marcada por Bosi (1977) como uma atividade educacional, uma vez que a transmissão de cultura diz respeito à transmissão de valores e normas sociais de uma geração para outra ou de um grupo a outro.

A era da cultura de massa baseia-se em um sistema movido pelo mercado industrial que visa à estandardização de padrões culturais na comunicação de ideias e sentimentos. A indústria cultural foi denominada “ultraleve”, uma vez que os discursos “voam sobre as ondas” e são consumidos psiquicamente pelo povo, (de)formando mentalidades padronizadas por esse sistema cultural. Para melhor produção desse efeito discursivo via ondas, o público foi estratificado em: infantil, infanto-juvenil, juvenil, feminino, estudantil e etc. (Morin, 1967 apud Bosi, 1977). Para cada público, houve um direcionamento discursivo próprio.

A cultura de massa é homogeneizadora, uma realidade cultural imposta de “cima para baixo”, dos produtores para os consumidores (Bosi, 1977). Os meios midiáticos se constituíam como serviços providos separadamente. Hoje, uma forma de comunicação de massa como a imprensa, por exemplo, é disponibilizada de diferentes maneiras, por meio do impresso e do digital, ou seja, a comunicação de massa pode ser disponibilizada de diferentes maneiras físicas. Provavelmente em razão dessas mudanças, Jenkins (2009) comenta que a indústria midiática vem passando por “modos de convergência”, ou seja, uma falta de clareza entre as fronteiras midiáticas (o correio, telefone, telégrafo) e comunicação de massa (imprensa, rádio, televisão).

Em relação à linguagem, Rajewsky (2010) entende que há “práticas de intermídia”, ou seja, fenômenos que ocorrem por: a) “transposição midiática” (adaptação de um gênero para outro, por exemplo, filmes produzidos a partir de livros); b) “combinação midiática” (multimídia) ou c) “referências intersemióticas” (referência de uma obra literária em um filme, por exemplo).

A cultura contemporânea é um mosaico, resultado do longo processo de estratificação, formada por “partes” das culturas anteriores, mas sem diminuir a importância dessas culturas. Os meios de produção cultural não desaparecem para dar lugar a uma cultura emergente. Evidência disso é o título da notícia do O Globo: “Vendedor de publicidade digital, *Facebook* se volta para mídias tradicionais em campanha publicitária”³. O *Facebook* tem investido em publicidade *out-of-home*, ou seja, na comunicação de massa (TV, cinema) e impressa (*outdoor*) como ferramenta para estabelecer a confiança entre os consumidores, segundo o jornal. Isso mostra uma forma de inter-relação dialógica entre culturas que habitam espaços diferenciados.

A cultura oral integrou-se nos meios audiovisuais (principalmente no cinema e televisão). E, a cultura escrita permeia as outras culturas:

a cultura impressa povoa as bibliotecas e os quiosques com suas profusões de manchetes e capas coloridas, fisingando a atenção de transeuntes apressados; a cultura de massas, que, longe de perder o seu poder, aprendeu a conviver com as suas competidoras, tanto a cultura das mídias, que é a cultura do disponível, quanto a cibercultura, que é a cultura do acesso. Todas essas formações culturais coexistem num jogo complexo de sobreposições e complementaridades (Santaella, 2007, p. 129).

A inter-relação entre culturas resulta em misturas e hibridizações. As diversas formas culturais – da oralidade à cibercultura – coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida (Santaella, 2007).

A hibridização cultural é o berço da cibercultura, que ocorre tendo como pano de fundo o panorama da globalização e da complexidade das esferas sócio-econômico-político. Nessa arquitetura fluida em que emerge a cibercultura, o homem é causa e efeito das relações pós-modernas entranhadas em ideologias e poder que envolvem as linguagens.

Como exemplo desse cenário, rememoraremos a primeira passeata virtual com uso de hologramas⁴, realizada em Madri, em frente ao Parlamento espanhol. A manifestação virtual foi uma estratégia, elaborada a partir de ferramentas virtuais, do povo espanhol frente à promulgação da denominada “lei da mordaza” que proíbe a presença de manifestantes reais próximos a prédios públicos, com punição para os infratores que podem ser processados e condenados a pagar multa de 600 mil euros.

³ Notícia disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/vendedor-de-publicidade-digital-facebook-se-volta-para-midias-tradicionais-em-campanha-publicitaria-15868683>>.

⁴ Notícia disponível em: <<http://codigofonte.uol.com.br/noticias/espanha-realiza-a-primeira-passeata-virtual-com-hologramas>>.

Cerca de 2 mil hologramas foram exibidos por mais de uma hora. Cada um deles trazia cartazes com frases de protesto e trazia o rosto de um manifestante real, inscrito online pelos militantes de diferentes organizações. O que os hologramas pedem é a volta do direito de protestar ao vivo, como pessoas de verdade.

A fala de um porta-voz da passeata virtual - “se você for uma pessoa, você não será permitido se expressar livremente. Você será capaz de fazer isso apenas se você for um holograma” - traz indícios de uma real mudança de mentalidade por meio dos processos de desenvolvimento de tecnologias comunicativas.

As relações do homem com a tecnologia refratam práticas de letramento constituídas por práticas discursivas diretamente ligadas à relação de forças entre vozes sociais. Tais relações denotam a presença do homem imerso na pós-modernidade e nas práticas sociais desenvolvidas em contextos situados. A representação do homem atual pode ser compreendida como “o corpo pós-humano, uma tecnologia, uma tela, uma imagem projetada” (Haberstam; Livingston, 1995 apud Santaella, 2007, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações culturais se dão por meio de processos de estratificação, não de apagamento da cultura anterior. O advento de um sistema não exclui o que veio antes, mas soma-se mais uma camada (Santaella, 2007), ocasionando “ecos” entre as culturas, “indícios” (Ginzburg, 1989) que possibilitam correlacionar as “partes” do processo de mudança entre a culturas.

A presença das novas tecnologias constrói ambientes semânticos e cognitivos, delineiam-se inter-relações complexas, permite a polifonia; um universo cultural construído por muitas vozes e consciências que circulam e interagem, reavivando o “diálogo”, no sentido bakhtiniano. A cultura popular, segundo Jenkins (2009), faz parte da construção coletiva de significados presentes hoje, uma vez que participa das mudanças em diversas esferas sociais: religião, educação, leis, políticas, publicidade que operam na sociedade.

Essa possibilidade de diálogo (ou de participação social) pode ser compreendida pelo viés do conceito de “inteligência coletiva”, no qual traz a ideia de que ninguém sabe tudo, cada um de nós sabe alguma coisa e nós podemos juntar as peças se unirmos nossos recursos e combinarmos nossas habilidades (Jenkins, 2009). Esse conceito pode significar a quebra de fronteiras, a compreensão de que vivemos num

mundo de palavras do outro (Bakhtin, 1982) e, portanto, temos de tentar compreendê-las, o que demanda nossa aproximação (da palavra e do saber) do outro.

Em meio a pluralidade discursiva presente na cultura contemporânea, novos *designs* são formados e passamos a habitar novos nichos ecológicos, ambientes virtuais onde a colaboração, a criatividade e o diálogo são palavras de ordem. Com isso, novas necessidades são criadas para os contextos educacionais, fazendo com que se construam outras possibilidades de o homem se relacionar com seu mundo, em constante transformação de discursos, de mentalidades e onde a diversidade das práticas de letramento está em constante ampliação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética** - a teoria do romance. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BHABHA, H. K. O pós-colonial e o pós moderno: a questão da agência. In: BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (p. 239-273).

BOSI, E. **A cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BURKE, P. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Unesp, 2010.

CALVET, L. J. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORI, E. M. Prefácio. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Coleção O mundo, hoje, vol. 21. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**: In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LE GOFF, J. História. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LE GOFF; NORA, P. **Fazer história, novos problemas**. Lisboa: Bertrand, 1987.

MINISTÉRIO DA CULTURA, FUNDAÇÃO CULTURAL DO TOCANTINS. **SUÇA NO TOCANTINS – PARTE 1**. Brasília: Governo Federal, Governo do Estado do Tocantins, 2012, Documentário (18:08 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UedFFWG1z7c>>. Acessado em 10/08/2020.

PRINSLOO, M.; BREIER, M. (org.). **The social uses of literacy**: theory and practice in contemporary South Africa. v. 4. South Africa: Sached Books, 2013.

RAJEWSKY, I. Border talks: the problematic status of media borders in the current debat about intermediality. In: ELLESTRÖM, L. **Media borders, multimodality and intermediality**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Revista Famecos, Porto Alegre, no 22, dez., 2003.

STREET, B. **Cross-cultural approaches to literacy**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1993.

Míriam Martinez GUERRA

Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL – Unicamp – Campinas/SP), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT – Araguaína/TO), graduada em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade Integrada Claretianas (UNICLAR – Rio Claro/SP) e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Rio Claro/SP). Docente na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e membro da Associação de Linguística Aplicada (ALAB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0775369686332599> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5683-8588>. E-mail: miriam.guerra@ufnt.edu.br .

Recebido em 26/junho/2023.

Aceito em 07/dezembro/2023.